

Lá, onde habitavam os monstros

Breno Fernandes

É como estar num caixão – aliás, o local que eu aconselharia aos leitores de *Diário de Um Mago* prestes a fazer o Exercício do Enterrado Vivo. São apenas 4,6m² de área total – 25cm de altura. Do nariz até o limite superior, só há 9cm de espaço (7cm se estiver com as mãos sob a cabeça). Você fica tão perto das tábuas, que consegue ver com detalhes seu relevo, parecido com impressões digitais, inclusive em sua unicidade.

É também como estar numa prisão: As oito tábuas verticais, dispostas simetricamente, remetem, num piscar, a grades. Isto se você não for um estudioso do léxico, pois estrado (do lat. *stratu*) – como chamamos o conjunto – parece derivar de estrada (do lat. *strata*), e grades e estrada são signos antagônicos. Mas suponhamos que você seja alguém normal e voltemos às tábuas.

Não ouse tocá-las. Elas soltam estilhas que ferem as pontas dos dedos – digital contra digital: pacto de sangue? É como se não quisessem ser violadas, logo agora, passados mais de 30 anos que estão ali, sustentando o sono e os sonhos de gerações.

O lugar cheira a abandono, parece de chulé. Teias de aranha aqui e acolá – *há algo lá* – em algum ponto sob ou sobre essa fina camada de poeira, há algo de proibido, algo que deveria ser esquecido. Não é bom voltar ao lugar onde antes, aos 4, 7, 12 – quando você podia até ficar de lado –, habitavam os seus monstros. Agora, não existem lados, não dá pra deixar de lado: é encarar o vazio, as grades nas suas fuças e sofrer antecipadamente a claustrofobia de uma estrada rumo a seu caixão.

Breno Fernandes estuda o 4º semestre de jornalismo na Facom/Ufba e é escritor. Já publicou os infanto-juvenis *O Mistério da Casa da Colina* (2002) e *Mil — a primeira missão* (2006), ambos pela editora FTD.